

## Angústia e suicídio na contemporaneidade sob a perspectiva de Sartre

### Correspondência:

Carlos Ming-Wau  
carlosmingwau@yahoo  
.com.br

### Fomento:

Fundação Cearense de  
Apoio ao  
Desenvolvimento  
Científico e  
Tecnológico

**Como citar:** Ming-  
Wau, C., Boris, G. D.  
J. B., Melo, A. K.,  
Feijoo, A. M. L. C.  
(2023). Angústia e  
suicídio na  
contemporaneidade  
sob a perspectiva de  
Sartre. *Arquivos  
Brasileiros de  
Psicologia*, 75, e004

**Carlos Ming-Wau<sup>1</sup>** (Orcid: 0000-0002-2995-4698 |  
<http://lattes.cnpq.br/5082359572465281>)

**Georges Daniel Janja Bloc Boris<sup>2</sup>** (Orcid: 0000-0003-0726-1767 |  
<http://lattes.cnpq.br/0059246441200692>)

**Anna Karynne Melo<sup>2</sup>** (Orcid: 0000-0003-4783-8356 |  
<http://lattes.cnpq.br/1314384224444985>)

**Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo<sup>3</sup>** (Orcid: 0000-0002-3064-3635 |  
<http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>)

<sup>1</sup> Universidade de Fortaleza, Fortaleza. Faculdade Estácio de Canindé, Canindé, Ceará, CE, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade de Fortaleza, Fortaleza, Ceará, CE, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.



### RESUMO

O suicídio, por ano, dizima cerca de 800 mil pessoas no mundo, apontando a importância de estudos fenomenológico-existenciais que possam discuti-lo como uma possibilidade que surge na vivência da liberdade de escolher viver ou morrer. Sob o prisma de uma revisão narrativa de literatura, objetivamos discutir a angústia e o suicídio na contemporaneidade à luz da fenomenologia existencial de Sartre. Bauman nomeia a contemporaneidade de modernidade líquida, pois tudo passa rapidamente e o homem não tem tempo de fazer indagações sobre si. A ordem do dia é suprimir a angústia por meio de possibilidades, dentre elas, o suicídio. Para Sartre, o homem é angústia e não pode suprimi-la, vivenciando-a no contato com sua liberdade de realizar escolhas. Escolher implica que o homem haverá sempre de se deparar com a vivência da angústia. Concluímos que, no suicídio, o que está em jogo é a negativa de ter que continuar a escolher: assim, o homem escolhe não mais escolher, pondo fim à sua existência.

### PALAVRAS-CHAVE:

Suicídio; Contemporaneidade; Fenomenologia Existencial; Sartre.

### ANGUISH AND SUICIDE IN CONTEMPORANEITY IN SARTRE'S PERSPECTIVE

#### ABSTRACT

Suicide, per year, decimates around 800 thousand people in the world, pointing out the importance of phenomenological-existential studies that can discuss it as a possibility that arises in the experience of the freedom to choose to live or die. Under the prism of narrative literature review, we aim to discuss anguish and suicide in contemporary times in the light of Sartre's existential phenomenology. Bauman names the contemporaneity as liquid modernity, because everything happens quickly and man has no time to ask questions about himself. The order of the day is to suppress anguish through possibilities, including suicide. For Sartre, man is anguish and cannot suppress it, experiencing it in contact with his freedom to make choices. Choosing implies that man will always face the experience of anguish. We conclude that, in suicide, what is at stake is the refusal to have to continue to choose: thus, man chooses not to choose anymore, putting an end to his existence.

#### KEYWORDS:

Suicide; Contemporaneity; Existential Phenomenology; Sartre.

### ANGUSTIA Y SUICIDIO EN LA CONTEMPORANEIDAD DESDE LA PERSPECTIVA DE SARTRE

#### RESUMEN

El suicidio, por año, diezma 800 mil personas en el mundo, señalando la importancia de los estudios existenciales fenomenológicos que pueden discutirlo como una posibilidad que surge en la experiencia de la libertad de elegir vivir o morir. Por una revisión narrativa de la literatura, nuestro objetivo es discutir la angustia y el suicidio en la contemporaneidad a la luz de la fenomenología existencial de Sartre. Bauman llama de contemporaneidad a la Modernidad líquida, porque todo sucede a mucha velocidad y el hombre no tiene tiempo para dedicarse a preguntas sobre sí mismo. El orden del día es suprimir la angustia a través de posibilidades como el suicidio. Para Sartre, el hombre es angustia y no puede reprimirlo, al experimentarlo en contacto con su libertad para decidir. Elegir implica siempre enfrentar a la experiencia de la angustia. En el suicidio, lo que está en juego es la negativa a seguir eligiendo, por lo tanto, el hombre elige no elegir más, poniendo fin a su existencia.

#### PALABRAS CLAVE:

SUICIDIO; CONTEMPORANEIDAD; FENOMENOLOGÍA EXISTENCIAL; SARTRE.

*Informações do Artigo:  
Recebido em: 29/04/2020  
Aceito em: 14/02/2023*

### Angústia e suicídio na contemporaneidade sob a perspectiva de Sartre

O termo suicídio requer um delineamento específico para o seu adequado estudo e correta utilização, pois envolve a intenção consciente de morte, o que implica afirmar que nem toda pessoa que se mata é um suicida (Kovács, 2013). Este fenômeno é um importante problema de saúde pública, inscrito na agenda global e considerado multifatorial e complexo, envolvendo aspectos psicológicos, biológicos, ambientais, culturais e sociais (Minayo et al., 2017; World Health Organization [WHO], 2018).

A cada ano, conforme a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2019), estima-se que ocorram cerca de 800 mil suicídios no mundo, ou seja, uma tentativa a cada 3 segundos e um suicídio consumado a cada 40 segundos. A taxa mundial de suicídios para cada 100 mil pessoas está na cifra de 10,6 casos e os homens morrem mais por suicídio do que as mulheres, fenômeno constatado tanto no mundo quanto no Brasil (WHO, 2018).

O Brasil ocupa o oitavo lugar, em números absolutos, entre os dez países que têm os maiores índices de casos de suicídio. Entre os anos 2016 e 2007, no Brasil, estima-se que ocorreram 106.374 suicídios, porém a taxa para cada 100 mil habitantes é de 5,3 casos (Brasil, 2019). Esta taxa é considerada baixa frente à taxa mundial, pois o Brasil é um país muito populoso, em contrapartida a países da Europa que apresentam taxas altíssimas de suicídios (Cescon et al., 2018). Tomemos, como exemplo, o caso da Lituânia, que tem uma população de 2,794 milhões de habitantes, na qual a taxa de suicídios para cada 100 mil habitantes é de 31,9 casos, portanto apresentando taxas de suicídio bem maiores do que as taxas brasileiras (WHO, 2018).

Entretanto, esses dados epidemiológicos não são precisos devido à subnotificação que encobre o suicídio como *causa mortis* por receio e vergonha (Cescon et al., 2018). Muitas

vezes, a pedido dos familiares, os médicos alteram “os certificados de óbito em função da proteção contra a imagem negativa que o ato pode causar” (Santa & Cantilino, 2016, p. 776). A subnotificação não é exclusividade dos suicídios consumados, mas também está presente nos casos de tentativas de suicídio. Para cada morte por suicídio, podem ter ocorrido, em média, 20 tentativas cujas notificações não chegaram a um serviço de emergência médica (Bahia et al., 2017).

Diante desses dados epidemiológicos acerca do suicídio é importante mencionar que devemos manter “uma visão realista e pertinente do meio onde o fenômeno ocorreu” (Dutra & Roehe, 2013, p. 110). Dutra (2012) aponta que a imediatividade na resolução dos problemas, a apologia à felicidade a todo custo e ao prazer imediato e o culto ao corpo magro e belo são as características do contexto sociocultural, político e econômico contemporâneo. Todavia, presenciamos o crescente aumento das cifras dos casos de suicídio, fato que motivou o empreendimento deste artigo. De acordo com Feijoo (2018), atualmente, a ideação suicida e o histórico de tentativas de suicídio têm se apresentado nas queixas de pessoas que procuram atendimento psicológico. Isso aponta a necessidade da realização de estudos fenomenológico-existenciais que compreendam as vivências da (in)decisão de pôr fim à vida. Assim, este artigo se fundamenta na fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre (1943/2015) e discute o suicídio como uma possibilidade que se manifesta como vivência da liberdade e, portanto, da angústia de escolher entre viver ou morrer.

Para tanto, na época da escrita deste manuscrito, verificamos que a literatura científica sobre o suicídio a partir da lente sartriana se limitava a apenas um artigo (Aloy, 2015). Em meio à escassez de estudos nessa perspectiva, optamos por realizar uma revisão narrativa de literatura, com foco na análise e na discussão de algumas obras filosóficas e romanescas de Jean-Paul

Sartre em que a angústia e o suicídio se entrelaçam, como *A Náusea* (Sartre, 1938/2016), *O Ser e o Nada* (1943/2015) e *Sursis* (Sartre, 1947/1981). A seleção dessas obras se deve ao fato de que, nelas, o filósofo explicita que o suicídio, como uma possibilidade de escolha, é uma tentativa de cessar a angústia.

Neste artigo, em concordância com Dutra (2012) acerca do modo como o suicídio na contemporaneidade está atrelado à determinação de imediatividade própria dessa época, iniciaremos por definir o que entendemos por contemporaneidade. Tomaremos como base a concepção de modernidade líquida desenvolvida por Zygmunt Bauman (2001), cuja ênfase se centra na forma como as pessoas criam subterfúgios com a intenção de suprimir a angústia da existência. Em seguida, convocamos os escritos de Sartre (1938/2016, 1943/2015, 1947/1981), por meio de alguns excertos, para a discussão da angústia e de suas repercussões no suicídio. Desta forma, objetivamos discutir a angústia e o suicídio na contemporaneidade à luz da fenomenologia existencial de Sartre.

### **A contemporaneidade e o suicídio**

Nos últimos anos, as vicissitudes sócio-históricas e político-econômicas impostas à existência humana na contemporaneidade têm se tornado pauta das discussões de sociólogos, filósofos e outros especialistas das ciências humanas e sociais (Portela, 2008). Bauman (2001) denomina a modernidade e a pós-modernidade, respectivamente, de modernidade clássica e de modernidade contemporânea. De acordo com o sociólogo e filósofo polonês, a modernidade clássica “parece ‘pesada’ (contra a ‘leve’ modernidade contemporânea); melhor ainda, ‘sólida’ (e não ‘fluida’, ‘líquida’ ou ‘liquefeita’); condensada (contra difusa ou ‘capilar’); e, finalmente, ‘sistêmica’ (por oposição a ‘em forma de rede’)” (p. 33).

A caracterização da modernidade contemporânea como líquida nos interessa no que diz

respeito à forma como as pessoas têm vivenciado as suas relações intersubjetivas, que, na ótica de Bauman e Donskis (2014), se constituem e são atravessadas pela malha fina da tecnologia que é capaz de interligar os mais longínquos lugares e pessoas por meio de um clique. A esse respeito, Schneider (2017) pontua que o homem contemporâneo rapidamente acessa informações sobre os eventos ocorridos em qualquer lugar do globo, assim como faz amigos virtuais que nem conhece.

No mesmo instante que se conecta rapidamente com qualquer parte do globo, o homem pode se desconectar e lançar sua atenção para outro fato emergente no seu entorno, assim como pode acessar os acontecimentos disponíveis na palma de sua mão, em seu *smartphone* ou em seu *tablet*. A propósito, Bauman (2005) pontua que passamos “da fase ‘sólida’ da modernidade para a fase ‘fluida’. E os ‘fluidos’ são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo” (p. 57). Ou seja, assim como as (des)conexões ocorrem num instante, de igual modo, as relações intersubjetivas não se solidificam, pois, com a mesma rapidez como são empreendidas, elas se dissolvem. Essas relações, na maioria das vezes, ocorrem sem a presença do corpo e o contato físico não se concretiza pois são baseadas na instantaneidade e na fugacidade, características dos espaços virtuais (Silva et al., 2015).

Para Bauman (2001), na contemporaneidade, estão à disposição do homem “pertences portáteis/descartáveis”, considerados “os principais objetos culturais da era da instantaneidade” (p. 162). Cria-se, então, “a cultura do descartável, onde todas as experiências da vida são percebidas nessa ótica” (Schneider, 2017, p. 121). Na cultura do descartável, o homem tanto se desfaz dos objetos que lhe interessam quanto daqueles que não lhe apeteçam, bem como abre mão das suas relações intersubjetivas presenciais e virtuais, sem a necessidade de estabelecer vínculos consigo mesmo e com o próximo. Bauman (2007a, 2017b) postula que um dos alvos da modernidade líquida é a mudança repentina sem a visualização do destino. Isso implica não ter

ponto de chegada nem objetivos, pois, ao longo do caminho, vários momentos começam e terminam ao mesmo tempo.

Agregado ao descarte de coisas e de relações, outro problema contemporâneo é que o homem perdeu a disponibilidade de tempo de reflexão sobre si mesmo, assim, tem se tornado um desafio à atual geração as indagações acerca da sua própria existência. Em contrapartida, Bauman (1999) sugere que, quando o homem se questiona sobre si mesmo, ele pode dar rumo ao sentido da sua existência. No estatuto das relações liquefeitas, o homem é convocado a fazer mudanças repentinas no caminho em curso, sendo obrigado a responder às suas demandas (Bauman, 2001, 2005).

Frente a esses problemas contemporâneos, o silêncio é o preço pago para evitar entrar em contato com os questionamentos existenciais (Dantas et al., 2009). Uma das formas possíveis que o ser humano encontra para lidar com as questões da sua vida é o suicídio. Em sua pesquisa sobre o suicídio, Feijoo (2018) aponta que, conforme as narrativas que ouviu de pessoas atendidas clinicamente, se as coisas não aconteciam do modo como elas queriam, então, diziam que era melhor morrer. A esse descompasso, na contemporaneidade, entre o que se quer e o que se pode, Feijoo (2018) denomina de desespero. Segundo Kierkegaard (1848/2010), o desespero é a doença do homem moderno.

Convém ressaltar que, em relação ao suicídio, há estigmas e tabus cercados de preconceitos e atitudes morais. Devido à influência das religiões judaico-cristãs, o suicídio é considerado, mesmo na contemporaneidade, pecado, ou seja, um ato que infringe as normas e os mandamentos sagrados da Igreja e de Deus (Silva, 2018). Além disso, o suicídio é considerado uma patologia que requer cuidados policiais e morais. Então, Feijoo (2018) critica essas concepções de suicídio, pois se afastam da compreensão dos sentidos que estão em jogo entre o

desejo e a tentativa de pôr fim à vida.

A multifatorialidade e a complexidade do suicídio são frequentemente negligenciadas, pois não se leva em conta que as características da contemporaneidade, inscritas na égide das relações liquefeitas, perpassam a história de vida das pessoas que desejam e/ou que tentam pôr fim às suas vidas. Concordamos com Bauman (2007b) ao afirmar que “a responsabilidade em resolver os dilemas gerados por circunstâncias voláteis e constantemente instáveis é jogada sobre os ombros dos indivíduos” (p. 10). Na corrente fluidez da vida contemporânea, o homem é intimado a emitir respostas às suas queixas e demandas, pois tudo passa numa rapidez imensurável. Então, desespera-se diante de seus dilemas existenciais, principalmente daqueles que se relacionam aos impasses entre a vida e a morte, como é o caso da escolha do suicídio como resposta a eles.

No mundo contemporâneo, no qual o contato com a finitude deve ser evitado, falar sobre a morte e a finitude tem sido difícil e constrangedor (Gomes & Sousa, 2017). De acordo com Ariès (1975/2012), “tudo se passa como se nem eu nem os que me são caros fôssemos mais mortais. Tecnicamente admitimos que podemos morrer” (p. 100), porém as pessoas preferem não falar tanto sobre a própria morte quanto sobre a morte de pessoas próximas. Nesse mesmo contexto, as pessoas optam por não falar sobre o suicídio, pois se trata de um fenômeno permeado de tabus legitimados pelo silêncio (Silva et al., 2018).

O silêncio legitimado em torno do suicídio nos convoca à reflexão sobre o lugar que tal fenômeno ocupa no cenário contemporâneo, que prioriza a todo custo o prazer imediato, o culto à felicidade, ao consumo e à beleza personificada no corpo magro (Dutra, 2012), ou seja, a eternização da juventude e de tudo que a ela está atrelado. Em contrapartida, os números de casos de suicídio, nos contextos mundial e brasileiro, destoam da pretensão de infinitude do homem



contemporâneo, dadas as suas altas cifras. Esse fenômeno, na maioria das vezes velado, traz à tona questionamentos em torno da vida e da morte (Magliano, 2018), principalmente porque os sentidos de viver estão em derrocada e desembocam no descampado de (im)possibilidades de existência, que, em muitos casos, levam algumas pessoas a pôr fim à própria vida como saída para lidar com os seus dilemas existenciais (Ming-Wau & Elcias, 2018).

O dilema entre querer morrer ou viver é posto à margem das reflexões que priorizam a vida a todo custo, incorrendo em comportamentos suicidas que “surgem para deter o fluxo do desprazer ao lidar com impotência e desamparo” (Kovács, 2013, p. 71). A ênfase da contemporaneidade líquida recai sobre as tecnologias de alta ponta, ou seja, os “dilemas não são permitidos”, pois o homem vive “numa realidade de possibilidades, não de dilemas” (Bauman & Donskis, 2014, p. 8).

Para Botti (2019), a causa do suicídio é social, pois a modernidade líquida produz transformações sociais aceleradas e os laços afetivos são dissolvidos rapidamente. É “no esgarçamento do tecido social” que “o suicídio pode apresentar-se como gesto que revela o desamparo e a desproteção social” (p. 15). Portanto, o homem contemporâneo se percebe desesperado e desamparado diante das circunstâncias sócio-históricas que dificultam a sua existência no mundo. Na modernidade líquida, as coisas não têm tempo de se solidificar, “se desmanchando no ar, num piscar de olhos”, pois são fluidas. Conforme Bauman (2007b), ao homem, é solicitado que viva numa flexibilidade sem limites e faça mudanças de percurso, quantas vezes for necessário, para alcançar os seus objetivos.

Sabemos que os dilemas entre a vida e a morte provocam no homem as indagações necessárias para a compreensão dos sentidos de sua existência, que pode ser vivida sob diversas possibilidades, mesmo que uma delas seja o suicídio como desfecho fatal da vida, em que se

constata a ausência de sentidos para se continuar vivo. Os questionamentos desencadeados pelos dilemas sociais e individuais podem proporcionar não apenas a responsabilização da conjuntura social pelo que ocorre com a existência humana, mas também uma maior compreensão do que cada homem faz com a sua vida. De acordo com Dantas et al. (2009), questionar a si mesmo possibilita compreender a diferença entre “andar à deriva” e “realizar uma viagem”, ou seja, viver sob a égide da incerteza, indagando-se e ao mundo em que vive. Entretanto, acrescentam que, a todo instante, o homem tenta fugir dos seus dilemas existenciais.

Ao tentar fugir dos questionamentos sobre si mesmo, o homem demonstra que evita lidar com a angústia inerente à sua existência (Boris & Barata, 2017; Campos & Alt, 2015). Entre as formas de tentar, em vão, fugir da angústia, destaca-se o uso indiscriminado de psicotrópicos, principalmente dos ansiolíticos derivados de benzodiazepínicos, sinalizando a medicalização da vida (Dantas et al., 2009). Isso posto, a maioria das tentativas de suicídio ocorre por conta de intoxicação exógena, principalmente por meio da ingestão de medicamentos (Coslop et al., 2019). Assim, o homem da contemporaneidade, muitas vezes, prefere o entorpecimento das suas dores e dos seus sofrimentos anímicos, tamponando-os como uma forma de lidar com as adversidades da vida (Feijoo et al., 2018).

Dessa forma, a medicalização da vida caminha ao encontro dos alvos perseguidos pelo homem contemporâneo, pois lhe proporciona a fugacidade dos questionamentos sobre si mesmo e uma fuga dos sofrimentos existenciais. Contudo, retira-lhe a possibilidade de escolher estratégias de enfrentamento das suas questões adversas, principalmente porque põe em xeque a sua capacidade de transformar o mundo em que vive, levando-o à constante insatisfação consigo mesmo. Para Bauman (2007a), essa insatisfação se manifesta porque o homem não consegue realizar seus desejos.

Consideramos que o suicídio na contemporaneidade, aqui denominada, à luz de Bauman (2001), de modernidade líquida, tem como um dos fatores desencadeantes a insatisfação do ser humano consigo mesmo por não ter um corpo esteticamente magro e belo ou por não ascender ao estado de felicidade constante e ao prazer imediato. Ou seja, sente-se desamparado e desolado numa sociedade que tenta encaixá-lo no perfil de pessoa perfeita, imune às dores e ao sofrimento, e, principalmente, (in)capaz de acompanhar a fluidez dos tempos líquidos. Para o homem contemporâneo, a opção mais viável é “o descarte ou sucateamento dos objetos ou mercadorias e dos estilos considerados ultrapassados. No vazio deixado por esse processo são colocados substitutos mais sofisticados, os novos, os mais perfeitos” (Cruz, 2018, p. 366). Então, quando esses substitutos não fazem mais sentido, são descartados, representando a cultura do descarte de coisas e de relações em que o ser humano presencia na contemporaneidade (Schneider, 2017).

A partir dessas considerações, nossa discussão se encaminha para o suicídio na contemporaneidade como uma das possibilidades que o homem lança mão com a intenção de descartar da vida as situações de adversidade que ocasionam os seus dilemas existenciais. Ora, na lógica da modernidade líquida, não é lhe é permitido se demorar nas questões que malogram a sua existência, muito menos se apresentar no convívio social revestido de dores e sofrimentos. Pelo contrário, na sociedade contemporânea,

[...] o consumo é o grande valor adotado e perseguido por todos. Consome-se de tudo: desde os fast-foods às drogas, de todas as espécies, que eliminam a dor, promovem o bem-estar e a felicidade, ainda que à custa de um estado de entorpecimento que “apaga” os sentimentos, e por que não dizer, elimina os sentidos do ser. [...] (Dutra, 2012, p. 932-933).

Por conseguinte, viver mergulhado em dilemas, dúvidas e incertezas não se coaduna com

o enredo da vida contemporânea, pois a ordem do dia é suprimir, de forma rápida e eficaz, seu incômodo e sua infelicidade. Assim, o homem tenta tamponar de sua existência as situações que põem em xeque a sua felicidade e o seu bem-estar, comprometendo o seu modo de ser e de estar no mundo (Campos & Alt, 2015).

Diversos subterfúgios são criados pelo homem com a promessa de eximi-lo das reflexões sobre a sua existência e, em decorrência, de suas escolhas, como: a medicalização da vida (Dantas et al., 2009), a automutilação e o suicídio. Esses subterfúgios almejam suprimir as experiências que causam desconforto, como se fossem uma vertigem ou uma pressão no peito. Apoiados na perspectiva fenomenológico-existencial sartriana, podemos considerar que essas experiências se aproximam da vivência da angústia. Campos e Alt (2015) constataam que essa “pressa contemporânea em eliminar as dores de viver pode ser compreendida a partir de uma reflexão sobre a angústia enquanto uma condição fundamental de nossa própria existência” (p. 139-140).

Portanto, destacamos que o homem se aventura nesses subterfúgios a fim de evitar lidar com a angústia de existir, ou seja, miná-la, buscando suprimir as “agonias da escolha” (Bauman, 1998, p. 228). Conforme Sartre (1943/2015), a angústia é a característica primordial da existência humana; afinal, “não poderíamos suprimi-la, porque somos angústia” (p. 89). Desse modo, encaminhamo-nos à discussão da relação entre a angústia e o suicídio na contemporaneidade.

### **Reflexões sartrianas sobre a angústia e o suicídio**

A palavra angústia, conforme a etimologia latina, deriva de *ango*, cujo significado corresponde a uma sensação de aperto ou estrangulamento. Nos seus textos, Sartre recorre à palavra francesa *angoisse*, traduzida como angústia, para expressar “o sentimento existencial por excelência” (Boris & Barata, 2017, p. 156). Nesta seção, discutimos a concepção sartriana

de angústia a partir de algumas passagens dos romances ‘A Náusea’ (Sartre, 1938/2016) e ‘Sursis’ (Sartre, 1947/1981), pois os construtos filosóficos do existencialista francês muitas vezes são mais bem compreendidos na interface com os seus escritos romanescos (Hilgert, 2020).

No primeiro romance de Sartre (1938/2016), intitulado de A Náusea, na voz do personagem Roquentin, o filósofo descreve a angústia como “uma espécie de enjoo adocicado” (p. 23), considerando que ela é a própria náusea (Schneider, 2006). Na sua narrativa, Roquentin afirma que, quando a náusea o acometia, “via as cores girando lentamente” no seu entorno e “sentia vontade de vomitar” (Sartre, 1938/2016, p. 34). A náusea vivenciada pelo personagem, de acordo com Schneider (2006), “era uma experimentação psicofísica, corpo e consciência envolvidos no acontecimento” (p. 55). Quando a náusea se apoderava dele, sua experimentação psicofísica revelava os questionamentos que, há algum tempo, infestavam a sua existência, e o personagem passou a olhar para si mesmo sem se reconhecer.

Roquentin, então, indaga-se: “estou cheio de angústia: o menor gesto me compromete. Não posso adivinhar o que querem de mim. No entanto é preciso escolher” (Sartre, 1938/2016, p. 80). O personagem precisava escolher o que fazer com a sua vida, o que, na perspectiva sartriana, corresponde à concepção de projeto de ser. Nessa passagem do romance, o filósofo põe em jogo a vivência da angústia relacionada às escolhas e ações a que o personagem estava submetido. Por sua vez, Boris e Barata (2017) consideram que “a angústia, como experiência da condição humana livre, requer acção, sendo um importante catalisador do projecto de ser que o ser humano constrói ao longo de sua existência” (p. 156). Posteriormente, a concepção de angústia é desenvolvida pelo filósofo na sua obra magna ‘O Ser e o Nada’, seu ensaio de ontologia fenomenológica. Para Sartre (1943/2015),

[...] é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão (p. 72).

Portanto, na visada sartriana, o homem se angustia diante de si mesmo, pois não há regras prescritas que se sobreponham às suas escolhas (Silva, 2014). A angústia, nesse sentido, é a expressão da liberdade humana: quando o homem toma consciência de que é livre para escolher, a sua existência é infestada por ela. Para Mattos et al. (2012), “a liberdade pode paralisar os sujeitos, levando-os a dilemas éticos e a pensamentos inquietantes” (p. 730). Partindo do princípio de que as ações humanas são livres, então, elas esbarram na angústia decorrente do mal-estar e dos conflitos frente às possibilidades de escolha. A angústia, como uma característica primordialmente humana, ocorre pelo fato de o homem ser livre para escolher, o que implica considerar que, se não fosse livre, não se angustiaría (Silveira, 2016). Conforme destacamos na narrativa de Roquentin, a náusea experienciada por ele, como uma das facetas da vivência da angústia, converte-se numa vertigem angustiante provocada pela liberdade (Schneider, 2006).

Sob a influência de Kierkegaard (1848/2010), conforme explicita Sartre (1943/2015), a vertigem angustiante é a expressão da liberdade humana. Sartre descreve a experiência de vertigem a partir do exemplo de um homem frente a um abismo: “tenho medo, não de cair no precipício, mas de me jogar nele” (p. 73), ou seja, esse exemplo aponta para as possibilidades de não se jogar e de se lançar no abismo. Boris e Barata (2017) pontuam que a angústia, como uma vertigem, assenta-se na “experiência de liberdade, na verdade também possibilidade de uma experiência dolorosa da liberdade, inquietante, sem esteio, que motiva o salto sem a segurança de mediações” (p. 152). Assim, podemos compreender que Sartre considerava o suicídio uma escolha possível frente às duas possibilidades.

De acordo com Campos (2017), o homem contemporâneo tem perseguido formas que proporcionem alívios momentâneos para a vertigem angustiante, porém, esse esforço é vão, pois ele não pode escapar da sua condição de liberdade. Entre essas formas de evitação da angústia, destacamos a medicalização da vida (Dantas et al., 2009), cujo interesse é a “produção de pessoas mais que saudáveis, ou seja, estes dispositivos de controle, que são atualmente os psicofármacos, são usados como forma de fazerem as pessoas se sentirem mais do que bem” (Campos & Alt, 2015, p. 138). Também apontamos que muitas pessoas, hoje, recorrem à automutilação e ao suicídio a fim de amenizar suas experiências de vertigem angustiante.

A escolha do suicídio frente a um precipício, conforme elabora Sartre (1943/2015), constitui um dos atos possíveis do homem frente à angústia. Essa conduta caminha ao encontro dos mecanismos criados pelo homem para amenizar as experiências que compõem a vertigem angustiante. Então, o filósofo descreve a conduta suicida nestes termos:

[...] Aproximo-me do precipício e meu olhar procura a mim mesmo lá no fundo. A partir daí, jogo com meus possíveis. Meus olhos, percorrendo o abismo de alto a baixo, mimetizam minha possível queda, realizando-a simbolicamente; ao mesmo tempo, a conduta suicida, pelo fato de converter-se em “meu possível” possível, faz surgir por sua vez motivos possíveis para adotá-la (o suicídio fará cessar a angústia) [...] (p. 76).

Nessa passagem, o filósofo considera que o homem, diante do precipício, não encontra empecilhos para se jogar, pois, no exercício da sua condição de liberdade, o salto configura um dos possíveis que pode ser escolhido, sobretudo porque não existem anteparos que apontem qual decisão ele deve tomar (Boris & Barata, 2017). Ora, cabe ao homem a decisão de pular ou não do precipício, a fim de acabar ou de amenizar de forma momentânea sua angústia, o que, em concomitância, põe em risco a sua existência. Assim, o salto no abismo pode ter a morte como

desfecho da vida.

A decisão de pular de um precipício também foi narrada pelo filósofo (Sartre, 1947/1981) no romance *Sursis*, no qual Mathieu se percebe infestado por pensamentos de suicídio. Na narrativa, o personagem se dirige a uma ponte do rio Sena, em Paris, na França, com intuito de dar cabo de sua vida. Mathieu planejava se jogar da ponte, porém, quando vê na água o seu futuro, momentaneamente, declina das ideias de suicídio, embora não descarte a possibilidade de se matar, considerando-a uma escolha possível de ser realizada posteriormente:

[...] A vertigem ergueu-se devagar sobre o rio; o céu e a ponte desmoronaram: nada mais restava senão ele e a água; ela subia até ele, lambia-lhe as pernas. A água, seu futuro. Agora é verdade, vou matar-me. De repente resolveu não se matar. Resolveu: seria apenas uma prova. Reencontrou-se de pé, caminhando, escorregando sobre a crosta de um astro morto [...] (p. 295).

O filósofo descreve, na conduta suicida de Mathieu, como a vertigem angustiante foi vivenciada quando ele olha de alto a baixo e vê na água o seu futuro, o que implica considerar que o personagem vivenciou o que Sartre (1943/2015) denomina de “angústia ante o futuro” (p. 76). De acordo com Boris e Barata (2017), a angústia voltada ao futuro corresponde à revelação da liberdade, que é inquietante, já que o futuro é indeterminado e imprevisível.

A angústia que se dirige ao futuro, conforme podemos perceber na narrativa de Mathieu, provoca a inquietação que se origina na vivência da liberdade de escolher entre viver ou morrer. O filósofo afirma que, para Mathieu, “todas as amarras tinham sido cortadas, nada no mundo podia retê-lo: era isso a horrível liberdade” (Sartre, 1947/1981, p. 295). O que estava em jogo, nessa passagem, era sua vontade de escapar da angústia que infestava o seu projeto de ser. Entretanto, Sartre (1943/2015) advoga que, sendo o homem a própria angústia, as tentativas de



suprimi-la da sua existência são vãs.

Mathieu sentia que a água batia em seus pés e pensava como seria sua morte caso se afogasse na ponte, pois via o seu futuro se esvaindo na correnteza do rio, o que lhe fez postergar os seus planos de suicídio. A angústia que invadia o seu ser parecia dar uma trégua, porém o personagem se confundia por não saber o que fazer com a liberdade que impulsionava as suas ações. Nas palavras de Sartre (1947/1981), os questionamentos de Mathieu eram: “que é que vou fazer desta liberdade toda? Que é que vou fazer de mim?” (p. 294). Para esses questionamentos, Mathieu não encontraria repostas determinadas aprioristicamente porque, a todo instante, tecia a sua existência no mundo.

Tomar consciência da condição de liberdade inquieta a existência humana pelo simples fato de que o homem não é determinado pelas escolhas que realizou no passado e nem mesmo o que escolhe no seu presente garante a determinação de seu futuro (Campos & Alt, 2015). A conduta suicida, como a experiência de vertigem angustiante do homem frente a um precipício, tanto na narrativa sobre Mathieu (Sartre, 1947/1981) quanto na ontologia fenomenológica sartriana, tem a intenção de cessar a angústia, mesmo que momentaneamente. Sartre (1943/2015) afirma que

[...] Felizmente, tais motivos, por sua vez, só pelo fato de serem motivos de um possível, mostram-se ineficazes, não determinantes: não podem produzir o suicídio, assim como meu horror à queda não pode me determinar a evitá-la. Em geral, esta contra-angústia faz cessar a angústia, transformando-a em indecisão. Por sua vez, a indecisão chama decisão: afasto-me bruscamente da borda do precipício e retomo o caminho (p. 76).

Logo, o suicídio surge como uma possibilidade de amenizar a angústia, pois o que está em jogo é a (in)decisão sobre o que fazer com a experiência de liberdade que inquieta, ou seja, a

escolha do suicídio não está fora do campo de possibilidades da existência humana. Como observamos, muitas pessoas têm lançado mão desse tipo de tentativa de morte como forma de lidar com as situações em que o desespero (Feijoo, 2018) se faz presente e lhes incorre nos sentimentos de solidão, de tristeza e de fracasso (Castro & Ehrlich, 2016).

Nos momentos em que as desventuras se acirram, algumas pessoas visualizam no suicídio a libertação dos infortúnios da vida. Ora, preferem não se aprofundar nas reflexões sobre si mesmas e sobre o modo como vivenciam a liberdade de escolher a vida ou a morte. Por sua vez, Feijoo (2018) adverte quanto à importância de que a clínica fundamentada pela psicologia existencial se demore nos questionamentos em torno da (in)decisão de dar cabo da própria vida, ou seja, da necessidade de que o homem se questione sobre o que de fato deseja.

Nesse sentido, na narrativa que acompanhamos sobre Mathieu, especificamente acerca da vivência da vertigem angustiante ou da angústia voltada ao futuro (Sartre, 1947/1981), ele escolhe se manter por mais tempo na (in)decisão de se jogar da ponte a ponto de dizer que “será da próxima vez” (p. 295). Compreendemos que o personagem escolhe levar adiante a sua vida, mesmo que os pensamentos de suicídio ainda estejam presentes e se questione sobre o que fará com sua liberdade. Para Sartre (1946/2014), “o homem é livre” (p. 24), por isso, vive angustiado frente às decisões a tomar. Então, o filósofo advoga que “somos angústia” (Sartre, 1943/2015, p. 89), o que implica afirmar que estamos condenados a ser livres.

Em contraposição à angústia voltada ao futuro, o filósofo descreve a angústia voltada ao passado, na qual o homem percebe que as escolhas realizadas outrora naufragaram quando se depara com a possibilidade de novamente escolhê-las no futuro. Para Sartre (1943/2015), “essa angústia sou eu, porque, só pelo fato de me conduzir à existência como consciência de ser, faço-me como não sendo mais esse passado de boas decisões que sou” (p. 77). Então, pelo fato de o

homem ser livre, não há regras predeterminadas que prescrevam quais decisões deve tomar (Boris & Barata, 2017). Cabe ao homem, por meio de seu próprio julgamento, escolher o que fará com o seu projeto de ser, mesmo que as suas escolhas o encaminhem para o suicídio, que, “com efeito é escolha” (Sartre, 1943/2015, p. 590).

Mattos et al. (2012) pontuam que os julgamentos e as decisões a que o homem se submete, ocorrem nos contextos reais em que o seu projeto de ser se desenrola. A imersão do homem na cultura imediatista contemporânea não condiz com o tempo próprio da angústia sartriana, que prioriza as vivências pessoais nas situações cotidianas da vida (Campos & Alt, 2015). Essas vivências ocorrem em torno de experiências de dor e de sofrimento, ou seja, não há prescrições que lhe garantam que terá uma vida feliz e sem experiências angustiantes. Contudo, como mencionamos, a medicalização da vida, a automutilação e o suicídio, são escolhas que o homem lança mão para aliviar as situações angustiantes de sua existência.

Sobre a automutilação, destacamos o episódio em que Roquentin se percebe infestado de náusea, ou seja, a angústia toma conta de sua vida, pois deveria escolher o que fazer com o seu projeto de ser. Suas dúvidas se dividiam entre escrever a biografia do Marquês de Rollebon, motivo pelo qual viajara a Bouville, uma cidade do interior da França, ou fazer outra atividade que preenchesse sua vida de sentido. Para amenizar a angústia frente à indecisão, decide desferir uma canivetada na palma de sua mão e, em seguida, questiona-se sobre o que fará com a sua vida, conforme suas próprias palavras, assim descritas por Sartre (1938/2016):

[...] O gesto foi muito nervoso; a lâmina escorregou, a ferida é superficial. Sangra. E afinal? O que foi que mudou? De toda maneira, olho com satisfação na folha branca, por entre as linhas que tracei há pouco, essa poçazinha de sangue que finalmente deixou de ser eu. Quatro linhas numa folha branca, uma mancha de sangue, é assim que se forma

uma bela recordação. Terei de escrever embaixo: “nesse dia desisti de fazer meu livro sobre o marquês de Rollebon” (p. 137).

Nessa passagem, percebemos como Roquentin escolhe a automutilação a fim de lidar com os sentimentos incômodos decorrentes da angústia. Nesse sentido, Sartre (1943/2015) destaca que, para amenizar a náusea, “pode até ser que busquemos o aprazível ou a dor física para livrar-nos dela” (p. 426). Assim, por meio da dor física decorrente do corte, Roquentin pôde obter algum alívio momentâneo da sua angústia.

Consideramos que, entre os subterfúgios utilizados pelo homem contemporâneo para amenizar a angústia, o suicídio constitui um ato extremo que potencializa a possibilidade de finalizar sua existência e põe fim ao seu projeto de ser, pois há “a aniquilação de toda e qualquer possibilidade de ser” (Castro & Ehrlich, 2016, p. 167). Sartre (1943/2015) advoga que o suicídio é um absurdo que retira do homem as suas possibilidades de vir-a-ser, ou seja, “o suicídio é uma absurdidade que faz minha vida soçobrar no absurdo” (p. 662). Para o filósofo, o suicídio como absurdo se configura por conta de que o homem perdeu o sentido de continuar a escolher os rumos de sua vida. Como a existência humana não é determinada a priori, é pelo exercício da liberdade que o homem preenche a sua vida de sentido, ou seja, tenta lidar com o absurdo. Portanto, à luz da perspectiva sartriana, destacamos que, no suicídio, o que está em jogo é a negação da capacidade de realizar escolhas, pois o homem escolhe não mais escolher, pondo fim à sua existência. Afinal, escolher implica sempre se deparar com a vivência da angústia.

### Considerações Finais

Nessa discussão do suicídio na contemporaneidade à luz da fenomenologia existencial de Sartre, descrevemos as formas que o homem tem criado a fim de se livrar da angústia que o constitui. Destacamos como as pessoas têm lançado mão de subterfúgios para amenizar a

angústia, apontando a medicalização da vida, a automutilação e o suicídio. Todos esses atos intencionam reduzir os sentimentos nauseantes vividos pelas pessoas quando entram em contato com sua liberdade e, portanto, com a condição de realizar escolhas.

O sofrimento se acentua quando o homem se percebe em situações em que as adversidades da vida se fazem presentes. Entretanto, como não encontra fórmulas prescritas que determinem os rumos de sua vida, desespera-se diante das possibilidades que surgem à sua frente e que o convoca a escolher ações voltadas ao seu projeto de ser.

Por sua vez, os cientistas sociais afirmam que o homem contemporâneo se sente desamparado e desolado numa sociedade que tenta encaixá-lo no perfil de pessoa perfeita, imune às dores e ao sofrimento e, principalmente, exigindo que seja capaz de acompanhar a fluidez dos tempos líquidos, nos quais tudo ocorre rapidamente, por exemplo, as coisas e mesmo as relações intersubjetivas podem ser descartadas com facilidade. Na perspectiva sartriana, o homem tem a possibilidade de se reinventar a cada dia, bem como de escolher seu jeito de ser no mundo e de lidar com o absurdo que retira o sentido da sua vida. Então, considerando que a influência do modo como uma sociedade se organiza sobre como as decisões pessoais ocorrem frente ao mundo tal como ele se apresenta às pessoas em um determinado tempo, leva-nos a alertar que o suicídio na contemporaneidade requer discussões acerca das exigências socioculturais de extinguir a angústia, o que pode potencializar os atos que intencionam pôr fim à vida.

Finalmente, destacamos a importância de questionar aqueles que tentaram o suicídio e os que pensam em fazê-lo sobre o que está em jogo nessa sua escolha, a fim de compreender se o que está em xeque é a vontade de acabar com a própria vida ou de evitar as situações que malogram a sua existência. Dessa forma, cabe ao ser humano deliberar ações em direção ao projeto de ser, ou seja, implica se angustiar frente às possibilidades de escolha, ao invés de miná-

las. Portanto, concluímos que, no suicídio, o que está em jogo é a negativa de ter que escolher; assim, o homem escolhe não mais escolher, pondo fim à sua existência.

### Referências

- Aloy, J. (2015). El suicidio en La ópera flotante de John Barth: contraste entre las miradas del Apocalipsis y el existencialismo. *Logos: Revista de Lingüística, Literatura y Filosofía*, 25(2), 125-130. <https://doi.org/10.15443/RL2511>
- Ariès, P. (2012). *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Nova Fronteira (Obra original publicada em 1975).
- Bahia, C. A., Avanci, J. Q., Pinto, L. W., & Minayo, M. C. S. (2017). Lesão autoprovocada em todos os ciclos da vida: perfil das vítimas em serviços de urgência e emergência de capitais do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(9), 2841-2850. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017229.12242017>
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007a). *Tempos líquidos*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007b). *Vida líquida*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z., & Donskis, L. (2014). *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Zahar.

- Boris, G. D. J. B., & Barata, A. (2017). Angústia e ansiedade: um esboço histórico-conceitual e uma perspectiva sartreana. In F. C. L. de Castro & M. S. Norberto (Orgs.), *Sartre hoje: volume 2* (pp. 151-170). Editora Fi.
- Botti, N. C. L. (2019). Desafios éticos e suicídio na pós-modernidade. *Cadernos Zygmunt Bauman*, 9(21), 2-20.
- Brasil. (2019). Suicídio: tentativas e óbitos por intoxicação exógena no Brasil, 2007 a 2016. *Boletim Epidemiológico*, 50(15), 1-12.
- Campos, C. M. (2017). Um olhar sartriano a respeito da extimidade virtual. In F. C. L. de Castro & M. S. Norberto (Orgs.), *Sartre hoje: volume 2* (pp. 101-116). Editora Fi.
- Campos, C. M., & Alt, F. (2015). Tempo de angústia: reflexões sobre o imediatismo contemporâneo na clínica inspiração sartriana. In M. B. Alvim & F. G. de Castro (Orgs.), *Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade* (pp. 135-147). Juruá.
- Castro, F. G., & Ehrlich, I. F. (2016). Projeto de ser e situação. In F. G. de Castro & I. F. Ehrlich (Orgs.), *Introdução à psicanálise existencial: existencialismo, fenomenologia e projeto de ser* (pp. 113-176). Juruá.
- Cescon, L. F., Capozzolo, A. A., & Lima, L. C. (2018). Aproximações e distanciamentos ao suicídio: analisadores de um serviço de atenção psicossocial. *Saúde e Sociedade*, 27(1), 185-200. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018170376>
- Coslop, S., Quinte, G. C., & Antunes, M. N. (2019). Tentativas de suicídio por intoxicação exógena no estado do Espírito Santo, Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, 21(1), 46-54.

- Cruz, D. N. (2018). Pós-modernidade ou hipermodernidade? Pensando o sujeito contemporâneo sob as óticas de Lipovetsky e Bauman. *Sapere Aude*, 9(18), 351-371. <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2018v9n18p351-371>
- Dantas, J. B., Sá, R. N., & Carreteiro, T. C. O. C. (2009). A patologização da angústia no mundo contemporâneo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(2), 1-9.
- Dutra, E. (2012). Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(3), 924-937.
- Dutra, E., & Roche, M. V. (2013). Suicídio de agricultores no Rio Grande do Norte: compreensão fenomenológica preliminar dos aspectos existenciais. *Psicologia em Revista*, 19(1), 108-118. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2013v19n1p108>
- Feijoo, A. M. L. C. (2018). Por um núcleo de atendimento clínico a pessoas em risco de suicídio. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(2), 173-181. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.6>
- Feijoo, A. M. L. C., Protasio, M. M., & Sant'Anna, G. S. (2018). Desespero e sofrimento no discurso de pessoas que pensam em tirar a própria vida: uma análise existencial. *Revista de Pesquisa Qualitativa*, 6(11), 328-350.
- Gomes, D. M. & Sousa, A. M. (2017). A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. *Revista do NUFEN*, 9(3), 164-176. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol09.n03revir25>
- Hilgert, L. H. (2020). Filosofia e literatura: sobre o romance La nausée. *Aufklärung: Revista de Filosofia*, 7(Especial), 25-38. <https://doi.org/10.18012/arf.2019.50303>
- Kierkegaard, S. A. (2010). *O desespero humano*. Editora Unesp (Obra original publicada em 1848).



- Kovács, M. J. (2013). Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(3), 69-82.
- Magliano, F. R. (2018). Considerações preliminares sobre a compreensão e finitude humana. In A. M. L. C. de Feijoo (Org.), *Suicídio: entre o morrer e o viver* (pp. 17-37). IFEN.
- Mattos, A. R., Ewald, A. P., & Castro, F. G. de (2012). Liberdade, alienação e criação literária: reflexões sobre o homem contemporâneo a partir do existencialismo sartriano. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(3), 724-766.
- Minayo, M. C. S., Figueiredo, A. E. B., & Mangas, R. M. N. (2017). O comportamento suicida de idosos institucionalizados. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27(4), 981-1002.  
<https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000400007>
- Ming-Wau, C., & Elcias, L. G. M. (2018). A morte e o suicídio na contemporaneidade. In F. G. M. Souza, M. I. V. Oliveira, E. F. Rebouças & L. W. Bisol (Orgs.), *Prevenção ao suicídio: temas relevantes* (pp. 51-64). Premios Gráfica e Editora.
- Portela, M. A. (2008). A crise da psicologia no mundo contemporâneo. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 131-140. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100013>
- Santa, N. D., & Cantilino, A. (2016). Suicídio entre médicos e estudantes de medicina: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 40(4), 772-780.  
<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n4e00262015>
- Sartre, J.-P. (2014). *O existencialismo é um humanismo*. Vozes (Obra original publicada em 1946).
- Sartre, J.-P. (2016). *A náusea*. Nova Fronteira (Obra original publicada em 1938).
- Sartre, J.-P. (2015). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Vozes (Obra original publicada em 1943).
- Sartre, J.-P. (1981). *Sursis*. Círculo do Livro (Obra original publicada em 1947).

- Schneider, D. R. (2006). A náusea e a psicologia clínica: interações entre literatura e filosofia em Sartre. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6(2), 51-61.
- Schneider, D. R. (2017). A pós-modernidade e a produção da subjetividade: reflexões sartrianas. In F. C. L. de Castro & M. S. Norberto (Orgs.), *Sartre hoje: volume 2* (pp. 117-150). Editora Fi.
- Silva, L. D. (2014). Engajamento e projeto: a dupla raiz de uma possível ética da liberdade. *Revista de Estudos Filosóficos*, 12, 1-15.
- Silva, R. M., Sousa, G. S., Vieira, L. J. E. S., Caldas, J. M. P., & Minayo, M. C. S. (2018). Ideação e tentativa de suicídio de mulheres idosas no nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(2), 807-815. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0413>
- Silva, T. M., Teixeira, T. O. L., & Freitas, S. M. P. (2015). Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo. *Psicologia em Revista*, 21(1), 176-196. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2015V21N1P176>
- Silva, V. P. (2018). Um projeto de outra compreensão acerca do suicídio. In A. M. L. C. de Feijoo (Org.), *Suicídio: entre o morrer e o viver* (pp. 7-16). IFEN.
- Silveira, L. (2016). Má-fé e inconsciente: sobre a crítica de Sartre a Freud em *O ser e o nada*. *Dois pontos*: 13(3), 39-55. <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v13i3.46396>
- World Health Organization. (2018). *World health statistics data visualizations dashboard. Suicide*. <http://apps.who.int/gho/data/node.sdg.3-4-viz-2?lang=en>
- World Health Organization. (2019). *Mental health. Suicide data*.